

O HOMEM E A SUA RESPONSABILIDADE HISTÓRICA EM KARL OTTO APEL

THE MAN AND HIS HISTORICAL RESPONSABILITY IN KARL OTTO APEL

Paulo Roberto de Oliveira¹

RESUMO:

Deseja-se reconstruir, a partir da filosofia moral de Karl Otto Apel, a evolução cultural humana como problema ético. Para tanto, analisaremos a passagem do estado instintivo do homem para o estado social-institucional e por fim veremos o surgimento da racionalidade moral como solução para o problema da responsabilidade do homem atual.

Palavras-chave: Ética, Responsabilidade, História, Ética do Discurso, Racionalidade.

ABSTRACT:

In this paper, we wish rebuild, from the Karl Otto Apel's moral philosophy, the human cultural evolution as an ethical problem. To this end, we will study the human instinctive state to the social-institutional state and finally we will see the emergence of moral rationality as a solution to the problem of man's responsibility now.

Keywords: Ethics, Responsibility, History, Discourse Ethics, Rationality.

INTRODUÇÃO

A ética de Apel pretende ser uma resposta aos desafios da situação histórica contemporânea, essa situação que é fruto da construção cultural humana. Neste sentido, a presente pesquisa tem uma natureza também antropológica, pois é natural do ser humano ser um produtor de cultura, portanto, um ser responsável, conseqüentemente ético.

Esse trabalho irá expor na primeira parte a situação cultural humana, desde a era primitiva até a atualidade. Tentaremos marcar aqueles traços essenciais da situação humana, que determinam a história do ser. Veremos que tal situação é diferente dos demais seres vivos, principalmente a partir dos conceitos de *homo faber* e *homo sapiens*.

¹ Mestre em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE. Coordenador do Departamento de Publicações da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Unidade Diamantina. E-mail: paulus.sofia@hotmail.com. Artigo recebido em 08/02/2014 e aprovado para publicação em 01/07/2014.

Na segunda parte, iremos tratar da necessidade de uma reconstrução histórica da evolução cultural humana à luz da ética, expondo o aparecimento da ética ou da razão prática na vida do homem. Também a necessidade atual de uma macroética como resposta à situação atual.

Para responder às questões colocadas pelos filósofos, cientistas e psicólogos tentam construir a história da evolução cultural humana a partir de pressupostos biológicos, sociológicos, psicológicos, a respeito do que veremos na terceira parte as soluções propostas por Apel a partir da virada linguística.

O presente trabalho não tem a intenção de aprofundar a fundamentação da ética em Apel, mas pretende colocar a questão de que nós homens devemos ser morais. Trata-se de considerar na reconstrução cultural também seus pressupostos racionais como resultado da história. Não trataremos de expor o problema da finalidade da vida humana ou qualquer questão de ordem metafísica.

Sendo assim o grande pressuposto racional colocado por Apel será o da ética do discurso, pressuposto este que, se negado, faz correr o risco de cairmos em contradição performativa.

1. A SITUAÇÃO DO HOMEM COMO PROBLEMA ÉTICO

A ideia que iremos expor sugere reconstruir a história da evolução cultural do homem em uma perspectiva ética. Isso se dá pelo fato de que o homem possui uma responsabilidade por tudo aquilo que faz e diz. Ou seja, o *homo sapiens* é responsável pelas suas ações, de certa forma dá sentido aos feitos do *homo faber*, fase biologicamente anterior do *homo sapiens*.

O homem não é regido por leis naturais, suas ações não são determinadas por nada externo, mas a liberdade é sua condição de possibilidade. O filósofo Jean Paul Sartre traduz essa condição humana livre contra toda forma de determinismo numa frase curta e radical: “Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre”². Logicamente que Sartre coloca a responsabilidade total sobre o homem.

² SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Nova Cultural, 1980, pp. 253-254
Volume VI - Número 16 - Ano 2014 - ISSN 1984-9052

Porém, citamos o existencialismo sartreano só para compreendermos o problema moderno da responsabilidade, pois, o homem moderno se encontra só, sem desculpas, sem um Deus que se responsabilize por suas atitudes. O que importa é articular com Apel a problemática da moralidade do homem. Até porque a moralidade existencialista por ser subjetivista não pode assumir a responsabilidade do homem atual, pois, como veremos, Apel coloca a necessidade de uma macro-ética, a necessidade de uma norma moral universal. Pois, o existencialismo tem que supor os parâmetros dessa responsabilidade moral, o existencialismo só pode por as informações necessárias para o exercício dessa responsabilidade. Isso se dá pelas ideologias e pelas consequências dessas ideologias filosóficas modernas como podemos ver no texto a seguir:

A complementaridade entre objetivismo da ciência não valorativa, de um lado, e do subjetivismo existencial dos atos de fé religiosa e das decisões éticas, de outro lado, se comprova como sendo a expressão filosófica ideológica moderna da separação liberal entre a esfera pública e da vida privada, que se formou no contexto da separação entre o Estado e a Igreja. Pois, em nome dessa separação, e isso quer dizer, com a ajuda de um poder estatal secularizado, o liberalismo ocidental limitou, primeiro a obrigatoriedade da fé religiosa, e, em conexão com esta, das normas morais, mais e mais à esfera das decisões de consciência particulares. Na contemporaneidade, este processo prossegue- p. ex; pelo afastamento de argumentos e princípios morais dos fundamentos do direito. Em geral se pode constatar que, em todos os setores da vida pública, na sociedade industrial ocidental, as fundamentações morais da práxis são substituídas por argumentos pragmáticos, que podem ser fornecidos por experts, com base em regras científico-tecnológicas objetiváveis³.

Portanto, percebe-se que todo o sistema de complementaridade, ou seja, o direito, a política ou filosofia, não conseguem suprir a responsabilidade atual, pois, não possuem normas morais universais. Para tanto, é necessário que o homem crie uma consciência moral, mas, para isso, é preciso reconstruir a história da evolução cultural humana a partir do surgimento da ética e da responsabilidade histórica, ou seja, colocar a situação atual e primitiva do homem como problema ético, sendo o homem responsável por suas ações.

1.1 Situação Primitiva

A questão da situação primitiva já parte do sistema de reconstrução da evolução cultural humana, sobre essa reconstrução falaremos mais tarde.

³ APEL, Karl Otto. O a priori da comunidade de comunicação e os fundamentos da ética: o problema de uma fundamentação racional na era da ciência. In: Idem, *Estudos de Moral Moderna*. Petropolis: Vozes, 1994; p. 85.

A questão que queremos ver é que a situação do homem foi sempre um problema ético, desde o aparecimento da razão. Essa idéia de que a situação do homem é um problema ético é encontrada simbolicamente na Bíblia:

A Bíblia sugere que essa situação é, de fato, constituída pela queda pecaminosa do primeiro homem: desde então os homens são saberes da diferença entre bem e mal. Este evento, concebido de forma mítica, já tinha sido interpretado por Kant de forma teórico-evolutiva em seu tratado sobre o presumido início da história humana: com passagem da rudeza de uma criatura meramente animal para a humanidade, da andadeira do instinto à condução da razão, com uma palavra, da tutela da natureza para o estado de liberdade⁴.

Essa passagem do instinto para uma humanização torna o homem consciente de si e do mundo, capaz de construir livremente a sua vida, a partir do *homo faber* as barreiras instintivas são superadas.

Essa superação se dá porque o equilíbrio entre o mundo perceptível e o mundo causal foi quebrado. Essa ideia é exposta por Apel no artigo denominado “*Die Situation des Menschen als ethisches Problem*”⁵, sendo atribuída a Von Uexkull. Segundo ele, os animais reagem segundo a percepção do mundo que captam momentaneamente, seguem o apelo de proteção instintivamente.

Com o *homo faber* esse equilíbrio foi quebrado, na Bíblia, o pecado original se dá pela mordida da maçã. Mas, coloquemos no lugar da maçã a fabricação de armas e instrumentos pelo *homo faber*⁶. Dessa forma Apel coloca a sua tese que é central para a nossa problemática:

... por esta descoberta constitutiva do homem como *homo faber* foi tendencialmente suprimido o equilíbrio. O círculo de realimentação entre o mundo perceptível e o mundo causal; e agora se tem que compreender a descoberta do machado de punho como o começo de uma carreira do *homo faber*, que com a bomba atômica e o computador alcançou por enquanto seu fim⁷.

Portanto, a descoberta do *homo faber* constitui um problema ético para o homem, denominar e limitar o bem e o mal, o justo e o injusto.

⁴ APEL, Karl Otto. A Situação do Ser Humano como problema Ético. In: Idem, *Estudos de Moral Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1994; p. 85.

⁵ Tradução: A situação do homem como problema ético.

⁶ É interessante que diversos autores interpretaram a passagem bíblica sobre Adão e Eva e o pecado original. Um deles foi Rousseau, no qual, coloca o jardim do Éden como hipótese do estado de natureza, onde o pecado é a sociedade. Porém, como podemos perceber, em Apel o *homo faber* aparece ainda no estado de natureza, depois, com a razão é possível saber o que o bem ou o mal.

⁷ APEL, Karl Otto. *Die Situation des Menschen als ethisches problem*. Texto traduzido pelo professor Francisco Javier Herrero, p. 1.

1.2 Situação atual

A situação atual corresponde ao “segundo passo da reconstrução da evolução cultural humana: a característica do *homo faber* e o agravamento do desafio de uma ética planetária da responsabilidade”.

Reconstruir a carreira do *homo faber* é reconstruir a história do desenvolvimento da técnica, da técnica desenvolvida cientificamente, até o presente. Percebe-se que o abismo existente hoje entre o mundo perceptivo e o mundo causal é cada vez maior, tanto é que os judeus mortos por gases, não tiveram contato com os seus executores.

Iremos visualizar a situação atual para que na segunda parte possamos fazer a reconstrução dos fatos a partir de uma ética da responsabilidade, veremos os desafios da atualidade:

Temos dois grandes desafios:

- natureza e técnica (desafio tecnológico, ecológico)
- social (surgido pela globalização, um desafio político)

A história se tornou universal; só atualmente é que a história se tornou universal, porque os modos de produção e tecnologia são universalizados: ou seja, o que faz hoje com que a história seja uma são os modos de produção e tecnologia.

Vivemos em uma sociedade de trabalho que vê surgir a terceira revolução industrial com a informatização da sociedade.

A ciência e a técnica se tornaram universais; a tecnologia está dando pela primeira vez à humanidade um alcance planetário, universal; a atividade humana alcançou um raio de ação planetária, basta ver a ecologia. A técnica permite a comunicação simultânea de todos os acontecimentos do planeta.

Porém, com a razão instrumental (onde os fins justificam os meios), vemos crescer o poder da técnica sobre a realidade, cada vez mais neutra de valores. Um desequilíbrio entre os poderes do *homo sapiens* e o *homo faber*, uma coisa é produzir, outra é a capacidade de pensar e controlar esse progresso.

Disso, surge um abismo cada vez maior entre os valores e os interesses, vivemos em um individualismo desinteressado, que constrói tudo egoisticamente. São diversos e fortes os efeitos da ciência e da técnica.

O segundo desafio é o social e político:

-Tudo está globalizado: direito, política, economia, nos quadros institucionais e jurídicos.

-Mudou a natureza do capital: existe atualmente uma universalização das propriedades, antes só capitalistas tinham propriedade. Pelo fundo de pensão e investimento detém posição estratégica no controle do capital, hoje acima das multinacionais estão os mercados.

-Existe uma mobilidade dos fluxos financeiros internacionais, o capital é mobilizado.

-Preocupações individuais que tem um alcance comum. Quando alguém perde, é porque tem alguém que ganha.

-Mudou a natureza do trabalho; hoje a produção tornou-se mais intensamente no conhecimento, neste caso, o saber se tornou crucial.

-Mudou o papel do Estado, este como mínimo tem que conciliar o nacional e o internacional. Criar condições de competitividade em escala global.

-Pela primeira vez na história surge a tarefa de dar sentido humano do desenvolvimento em escala mundial. A idolatria do mercado criou um vazio ético, com o vazio devemos dar um sentido humano a esse desenvolvimento global. Acabaram as utopias revolucionárias. Nunca foi tão urgente criar uma ética da solidariedade.

Segundo o professor Herrero a situação atual está fundada por quatro vergonhas político-morais; que afetam a nossa existência:

1º Fome e miséria que conduz a morte a um número cada vez maior de seres humanos.

2º Tortura e a violação da dignidade humana, sobretudo nos estados que não são de direito.

3º O crescente desemprego e disparidade na distribuição de renda e da riqueza social.

4º Ameaça de destruição da humanidade pelo perigo só em parte superado de uma guerra nuclear e de um equilíbrio ecológico.

Portanto, os problemas atuais alcançaram uma dimensão planetária, se antes o homem era responsável por suas ações individuais ou pelas ações do grupo, hoje a sua responsabilidade histórica tem um alcance mundial:

Pela primeira vez é exigida uma macro ética planetária, fundada racionalmente, da justiça válida universalmente, isto é, intercultural e da corresponsabilidade de todos os homens como resposta à situação humana⁸.

O que Apel quer mostrar é que a situação do homem como problema ético significa que o homem possui uma responsabilidade histórica e por isso temos um problema ético. Pois, como já dissemos, a liberdade pressupõe responsabilidade, já um animal que vive instintivamente age de acordo com a lei, não sendo por isso, responsável pelos seus atos.

Para tanto, fizemos uma análise da situação antiga e atual do homem, agora, reconstruiremos com Apel essa situação humana à luz da ética e veremos que a situação do homem é um problema ético, tentaremos também colocar a resolução proposta por Apel para a situação dos homens atual e o problema de uma responsabilidade universal.

2. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA ÉTICO DA SITUAÇÃO HUMANA

É interessante observarmos que para Apel, a situação do homem como *homo faber* e depois como *homo sapiens* o obriga a ser responsável por suas ações e conseqüentemente não podemos escapar das normas morais que possam regular o agir. “A saber, minha caracterização da situação do homem como problema ético pressupõe já desde o início que

⁸ Ibidem, p. 1.

nós homens devemos ser morais, isto é, devemos seguir certas normas fundamentais da moral”⁹.

Porém, nem todo o tipo de filosofia ou ciência aceita essa idéia de normas morais universais, pois, a reconstrução da evolução cultural humana foi feita de formas diferentes da de Apel. A formulação do problema ético da situação humana si dá mediante essa reconstrução feita por Apel.

2.1 O problema da reconstrução histórico-cultural

“No sentido de um biologismo ou um darwinismo social, do fato de que a situação do homem colocou desde o início e até hoje, igual que a dos animais, só o problema da sobrevivência na luta pela vida”¹⁰.

Por isso: “Todas as conquistas da evolução cultural-p.ex; o desenvolvimento das instituições do Direito até a economia de mercado se deixam então simplesmente compreender como resultados da seleção na luta concorrencial pela vida”¹¹.

Então, para a reconstrução encontramos a barreira do biologismo, que, considera as ações humanas determinadas por um instinto de sobrevivência; com a razão esse instinto foi-se desenvolvendo em teorias do Estado e do Direito, contudo, seu núcleo genético continua sendo instintivo.

2.1.1 Perspectivas morais: biológicas e filosóficas

No item anterior já introduzimos o problema, na qual, vimos que a construção biológica antropológica da situação humana, nos impede de avançarmos na discussão sobre a responsabilidade ética do homem. Por isso mesmo, Apel vê a necessidade de uma reconstrução da evolução cultural humana.

⁹ Ibidem, p. 1.

¹⁰ Ibidem, p. 1.

¹¹ Ibidem, p. 1.

Para o antropólogo A. Gehlen, as conquistas culturais humanas foram necessárias para a mera sobrevivência dos homens como seres carentes de instintos. Porém, Gehlen não coloca se o homem deveria cumprir outros fins, ou seja, não levou em conta a natureza racional humana, que desde o surgimento da filosofia busca um fim.

Outro exemplo importante colocado por Apel é a sociobiologia de R. Dawkins. Segundo Dawkins, temos quatro bons motivos darwinianos para que os indivíduos sejam altruístas, generosos ou morais:

1º: Caso especial de parentesco genético.

2º: Há a replicação: o pagamento dos favores recebidos, e a execução de favores antecipando seu pagamento.

3º: O benefício darwiniano de adquirir uma reputação de generosidade e bondade.

4º: O benefício adicional específico da generosidade. Conspícua, como forma de comprar uma propaganda autêntica e impossível de falsificar¹².

Essa ideia segundo Dawkins, tem haver com a seleção natural darwiniana, pelo qual, o gene egoísta, preserva os genes de uma determinada espécie. Há duas maneiras de preservar a espécie ou os genes; garantindo a sobrevivência:

1º: Programando organismos isolados para que eles sejam egoístas.

2º: Existem circunstâncias, que não são especialmente raras, em que os genes garantem sua sobrevivência egoísta influenciando os organismos a agir de forma altruísta¹³.

A seleção não favorece a evolução de uma consciência cognitiva sobre o que é bom para seus genes.

Para Dawkins a moralidade abstrata é um erro ou subproduto. Impulsos altruístas, impulsos sexuais, impulsos de fome e medo. Subproduto: sentimos desejo sexual mesmo que a mulher seja estéril.

¹² DAWKINS, R. *Deus: Um Delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.286.

¹³ *Ibidem*, p.286.

Portanto, Dawkins e os evolucionistas biológicos explicaram as conquistas da evolução cultural humana, chamada por eles de meme, isto é, inovações eficazes de imitação e daí bem sucedidas em analogia com as imitações sucedidas de modo seletivo no biológico da evolução.

Na reconstrução feita por Apel a partir da ética filosófica, há de se considerar três coisas:

1º: Uma reconstrução da evolução cultural tem de estar na situação de supor seus próprios pressupostos racionais como ciência, ao mesmo tempo como télos moral do desenvolvimento ancorado na evolução cultural, e de recuperá-los pela reconstrução mesma, de certo modo como fato. Ou seja, os fatos históricos da humanidade devem ser reconstruídos como uma ciência moral.

2º: Este princípio metodológico não implica uma metafísica teleológica, que pretende saber o que é a meta da história do ser. Trata-se aqui só de considerar a reconstrução como resultada da história, para não cair pela reconstrução em uma contradição com esse fato. Isso significa que esse trabalho consiste em afirmar a responsabilidade histórica do homem.

3º: A Ética do Discurso já como uma resposta à evolução cultural humana. Neste texto Apel não expõe ainda os pressupostos racionais da ciência. Mas, resolve a situação do homem como problema ético, com a Ética do Discurso.

2.2 Surgimento da Razão Prática

Falamos da passagem do instinto para a razão. No caso de Adão e Eva, Kant interpreta esse fato como o surgimento da Razão Prática. Nos autores do biologismo cultural, vemos certo determinismo, porém, em Kant, o princípio é a autonomia:

Princípios práticos são proposições que encerram uma determinação geral da vontade, trazendo em si várias regras práticas: São subjetivos, ou máximas, quando a condição é considerada pelo sujeito como verdadeira unicamente para a sua vontade; são por outro lado, objetivas ou leis práticas quando a condição é conhecida como objetiva, isto é, válida para a vontade de todo ser racional¹⁴.

¹⁴ KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Tradução: Rodolfo Schaefer. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 27.

Ainda exposta por Kant parte da questão que ele coloca na Fundamentação da Metafísica dos costumes: Como podemos ter uma boa vontade? Como vimos, o homem é um ser de vontade, mas isso significa que ele é um ser capaz de representar as leis, nesse caso, o homem se dá as leis pela razão e submete a vontade ao dever, ou às leis da razão. Isso significa sem mais, que com o surgimento da razão prática o homem é capaz a partir de uma crítica da razão submeter a sua vontade e distinguir o certo do errado, o bem do mal.

O despertar da consciência moral em Adão e Eva constitui a saída do estado de natureza para o estado social, o paraíso é o instinto que não precisa dar razões para a sua conduta.

Outra interpretação da humanização se dá por J.G Herder. Para ele a razão prática foi uma compensação necessária da carência instintiva constitutiva do homem.

Apel formula sintetizando essas duas ideias:

Segundo esta interpretação de hominização o motivo mais profundo de que a situação do homem represente em geral um problema ético estaria em que o comportamento humano não é mais determinado pelos instintos, portanto pelas leis da natureza, mas é referido à auto interpretação das leis do comportamento ou princípio da vontade livre ou razão prática¹⁵.

É interessante observarmos que a racionalidade em substituição do instinto não aconteceu de uma forma imediata. Essa idéia, Apel tira de Gehlen, para ele, enquanto o homem não utiliza em plenitude a razão, as instituições possuem um papel importante no processo de regular as ações humanas. Isso significa que o homem é mais do que sobrecarregado pelas decisões livres da razão. Para Gehlen, o homem é um ser de disciplina (*zuchtwesen*). As instituições têm o objetivo de disciplinar o homem¹⁶, para que ocorra a substituição do instinto.

Gehlen analisa o surgimento das instituições e da moralidade em três etapas, dialeticamente:

- a) Fase primitiva da cultura humana: uma moral primitiva no sentido de um *ethos* de reciprocidade próximo da linguagem.

¹⁵ APEL, Karl Otto. *Die Situation des Menschen als ethisches problem*, p. 3.

¹⁶ Para Bergson, uma das fontes da moral é a moral fechada, neste caso podemos considerar que a disciplina é a base da moral fechada, na qual, somos disciplinados pela sociedade a fazer o bem.

b) Fase das instituições teogonais.

c) Época da conscientização reflexiva e colocação crítica do espírito nas instituições pela filosofia.

A ideia que se quer formular é a de uma moralidade institucional, na qual, todas as instituições devem depois (na terceira fase) passar pelo crivo da razão filosófica. Essa ideia é difundida nos movimentos de *Aufklärung*. Em Kant a religião deve ser submetida à razão, ou seja, a boa vontade não está ligada com a ideia de vida eterna, ser bom pelo dever, não por uma recompensa de Deus.

Segundo Apel, a crítica da Razão não pressupõe o fim das instituições, mas, as instituições perdem o seu poder, pois, o que deve prevalecer é o discurso racional nas instituições, em outro texto Apel coloca o valor que tem as instituições para a aproximação do ethos moral:

Neste sentido é característica a pretensão de capacidade universal de ligação, que distingue tendencialmente o direito de todos os Estados de direito europeus desde a recepção do direito romano e de tradição concomitante da idéia estoíca de direito natural¹⁷.

Portanto, com o surgimento da refletividade e discursividade, que estão ligados à filosofia; o filósofo tem a pretensão e o dever de orientar argumentativamente o agir humano, temos, pois, uma ética filosófica que suprime a religião ou outras instituições arcaicas.

Com a demonstração do surgimento da Razão Prática, Apel mostrou os pressupostos racionais para a reconstrução da evolução cultural desde a humanização. Contudo, a situação atual do homem, constitui uma potenciação ética do problema histórico da ética, ou seja, a necessidade de uma macro-ética.

2.3 Desafio externo de uma ética da responsabilidade

O grande ponto chave dessa questão situa-se no que já falamos: do abismo entre o mundo perceptível e o mundo causal. Pois, atualmente as ações humanas vão além de qualquer ligação entre a idéia de causa-efeito. Também o irracionalismo moderno diz respeito à ameaça de uma destruição da humanidade, um perigo de uma guerra nuclear e a falta de

¹⁷ Ibidem, p. 5.

consciência ecológica, com isso, pode-se ver um alargamento do mundo causal desde o surgimento do tal machado de punho. Portanto:

Neste lugar fica claro que realizações da fantasia ética da consciência são exigidas na época da ciência e da técnica para transpor o abismo existente hoje entre o mundo perceptível e o mundo causal do homem e possibilitar um controle eticamente responsável em presença do alcance e do risco de nossas atividades¹⁸.

Ainda sobre essa questão Apel adverte que atualmente somos responsáveis por nossas ações coletivamente, não há uma responsabilidade apenas individual. Ninguém sozinho é responsável pela fome do mundo; mas toda a humanidade.

Há um trecho do artigo de Apel, na qual ele fala sobre a consciência da necessidade de uma macro-ética e responde o porquê dessa macro-ética e a sua diferença com outras potencialidades morais:

Quando eu me tomei consciente décadas atrás do alcance deste novo, desafio externo da responsabilidade moral, comecei a falar da necessidade de uma macro-ética da responsabilidade planetária- à diferença da micro-ética tradicional da lealdade dos pequenos grupos, e à diferença também da igualmente tradicional meso-ética dos deveres de solidariedade referidos ao Estado nacional. E eu cheguei ao resultado de que o conceito tradicional de responsabilidade imputável individualmente não é mais suficiente para a macro-ética¹⁹.

Percebe-se uma globalização da técnica e da comunicação. Logicamente que isso exigirá uma globalização de segunda ordem, uma resolução dos problemas atuais a nível global.

3. ELEMENTOS DE SOLUÇÃO PARA O PROBLEMA ÉTICO

3.1 Evolução dos recursos internos da racionalidade moral

Neste ponto, Apel argumenta contra as teorias de Gehlen, Dawkins e outros. Contra Dawkins, ele argumenta que o homem não é mais determinado teleologicamente, e que a liberdade humana consiste nisso. Para outros, a conservação dos genes se dá por uma racionalidade estratégica, na qual, a ação humana baseia-se no ditame dos fins justificando os meios para a preservação da espécie.

¹⁸ Ibidem, p. 7.

¹⁹ Ibidem, p. 8.

Até mesmo Gehlen pensava que a linguagem era uma estratégia moral, porém, segundo Apel:

A função primordial da comunicação lingüística, que á diferença do comportamento animal não pressupõe já metas fixas instintivas, nos permite determinar livremente novas metas de ação , não pode estar no influxo estratégico; antes, ela pressupõe uma outra forma de racionalidade da comunicação e da interação totalmente diferente, que não pode ser reduzida á racionalidade meios-fins²⁰.

Com isso, a linguagem que era um recurso interno da moral, mas reduzida à moralidade meios-fins, agora a racionalidade meios-fins é superada através da Ética do Discurso, buscada na teoria do agir comunicativo. Pois, com o discurso argumentativo, argumentamos e colocamos um fim aceito por todos os afetados.

Sendo assim, agimos por um princípio moral encontrado nos pressupostos transcendentais do discurso: “o dever de resolver dialógica e argumentativamente as pretensões de validade da vida humana”. Do qual resulta: que todo conteúdo que se apresentar como digno de ser reconhecido como válido terá que ser capaz de consenso.

Além de superar a teoria biológica e antropológica, ao afirmar uma linguagem que supera qualquer determinismo social, genético, psicológico, memético, fisiológico; a Ética do Discurso como sendo ética da responsabilidade, supera a ética kantiana, pois, parte de duas críticas principais á ética kantiana:

1º- Para Kant cada um verifica se a sua máxima pode ser levada à lei universal, pode-se fazer monologicamente. Porque o sujeito é o último. Na ética do discurso, o imperativo categórico passa a ser dialógico, pois a mediação da linguagem é que todo significado é intersubjetivo. Para verificar o imperativo categórico, o imperativo deve ser dialógico.

2º- A ética do discurso parte da virada lingüística, ao ser monológica. Kant não parte da virada lingüística, deixando elementos importantes para trás.

A filosofia moral de Hegel já fazia menção a essa nova exigência ética, sobretudo no estado: “Segundo Hegel, este deve ser entendido obviamente como universal concreto, a partir da sua unidade com a realidade histórica e, nessa medida, afinal no sentido do estado

²⁰ Ibidem, p. 11.

concreto fatalmente vinculativo para cada indivíduo”²¹. Podemos ver em Hegel a unidade entre moralidade e eticidade, no nosso caso, segundo Apel, o fundamento de uma ética da responsabilidade histórica.

Pois, dentro do princípio ético, encontramos pressupostos reais do discurso argumentativo, esses pressupostos vão ajudar a fazer da ética do discurso uma ética da responsabilidade.

Daí decorre a responsabilidade histórica, na qual, temos que ser responsáveis pelo uso do princípio moral e pelas conseqüências de seu uso. Ou seja, pensar as possíveis conseqüências da aplicação do princípio moral na situação.

3.2 A racionalidade estratégica

Logicamente que antes de uma moral pós-convencional, sobre os pressupostos reais, onde devemos pressupor a diferença radical entre as condições ideais e as condições reais da situação e ao aceitar a obrigação de resolver consensualmente todos os conflitos do mundo da vida, ao aceitar o princípio moral, já reconheceu também a obrigação moral de superar e suprimir paulatinamente essa diferença.

Isto significa que reconhecemos a exigência de transformar as condições reais existentes e de criar as condições sociais suficientes para possibilitar a realização do princípio moral na sociedade.

Disso resulta ainda a necessidade das instituições, na qual elas têm a função de elevar o real às condições ideais, ou seja, ao superar a diferença, está pressupondo um telos, quem argumenta já aceitou implicitamente o telos moral da práxis histórica. O telos é a passagem da moral convencional para a moral racional, pós-convencional, que tem de criar as condições sociais de realização de seu princípio moral.

²¹ APEL, Karl Otto. Kant, Hegel e o problema actual dos fundamentos normativos de moral e direito. In: Idem, *Ética e Responsabilidade: o problema da passagem para a moral pós-convencional*. Lisboa: Pensamento e filosofia. 2010, p.51.

Portanto, na ciência moderna, a racionalidade estratégica, era a de relação meio-fim, na ética do discurso a racionalidade estratégica tem a função de elevar a moral convencional á uma moralidade pós-convencional.

3.3 Moralidade Pós-Convencional

A terceira e última parte da reconstrução da evolução cultural humana consiste em analisar a moral pós-convencional, na qual teremos a claridade de uma responsabilidade histórica.

Apel seguindo o pensamento psicanalítico da consciência moral em J.Piaget e L. Kohlberg; menciona a dialética triádica de Gehlen, pois, psicanalistas fazem também uma tríade dialética: moralidade pré-convencional, moralidade convencional e moralidade pós-convencional. É mister observarmos que as instituições como a religião, estão no nível da moralidade convencional, o direito parte da moralidade convencional mas, tem por fim a moralidade pós-convencional.

Apel vê a grande dificuldade na passagem da moral convencional para a moral pós-convencional:

A partir da possibilidade e tarefa indicadas de uma estruturação da história do espírito relevante eticamente depois do tempo eixo fica também claro que a crise moral de adolescência da humanidade de modo algum está acabada no presente, e isto é, que a passagem para a moral pós-convencional de modo algum foi bem sucedida. Dito de outro modo: o desafio da Ética no presente não resulta só dos desafios externos-como crise ecológica, globalização e semelhantes –mas ao mesmo tempo também das contradições internas e déficits dos recursos morais, aos quais nós podemos remontar-nos: dos déficits da moral tradicional convencional, assim como dos déficits da ética filosófica²².

Para Apel a grande dificuldade para fundamentar a ética já vem desde os seus fundadores: dificuldade com a exigência de uma ética válida universalmente, isto é, obrigatória para todos os homens em principio de igual maneira. Pois, é interessante, que não levando em conta a responsabilidade, os filósofos gregos não concebiam a todos os seres humanos os mesmos direitos²³.

²² APEL, Karl Otto. *Die Situation des Menschen als ethisches problem*, p. 13.

²³ Os filósofos gregos, Platão e Aristóteles justificavam a escravidão e a não participação de mulheres e estrangeiros na política.

Outro problema para a fundamentação da moral acontece já na filosofia do século XIX, na qual, com a escola historicista, descoberta de novo a ampla dependência de nosso pensar e conhecer da pré compreensão do mundo, condicionada historicamente, das tradições culturais particulares.

Neste sentido a consequência disso gera um problema, pois, esta convicção parece reduzir a exigência de uma ética válida universalmente da justiça e co-responsabilidade de todos os homens para a solução dos problemas que afligem hoje a humanidade a uma ilusão.

O grande problema que vemos na ética filosófica, é a unidade entre a liberdade e razão. Essa questão é sempre colocada nas aulas de ética e teorizada como um grande problema para o filósofo e professor Herrero. Isso significa que todas as culturas deverão elevar as suas máximas ao critério da Racionalidade, ou como quer Apel: a discussão.

A filosofia atual se encontra atada por causa de conceitos filosóficos que permanecem na contingência histórica fatural. Porém, a consequência disso é o exemplo do fundamentalismo oriental, no qual, surge a questão: Devemos ser tolerantes com quem é intolerante? Assim Rorty, independente de cada tradição cultural própria não há qualquer critério racional para a distinção entre razoável e louco. Essa resposta à Rorty é dada por Apel. A responsabilidade histórica deverá ser consciente e livre, a loucura, portanto é uma espécie de irracionalidade.

CONCLUSÃO

A pergunta basilar que se coloca diante da reconstrução cultural humana é: Até que ponto a partir da situação do ser humano podemos realmente deduzir algo como a necessidade de uma responsabilidade ética?

A tese de Apel para responder essa questão é: cada um que filosofa pelo menos implicitamente também já deve ter reconhecido uma norma ética fundamental.

Também o progresso moral adquirido pela argumentação, como vimos, não aceita nenhuma relativização ou biologismo ético. Por outro lado, a ética do discurso não parte do

homem isolado de suas condições social e histórico. A ideia de ser no mundo é trazida por Apel para a fundamentação da ética e dá ao homem a responsabilidade por suas ações.

Outra questão que vimos foi se o homem, com sua razão ética, é capaz de compensar a carência de instinto, para ele constitutiva, e de responder ao desafio da situação que ele mesmo causou como *homo faber*.

Ao colocar essa questão Apel argumenta que querem semelhar os animais com os homens, porém, o homem pode e deve fixar pessoalmente os fins e as regras do jogo – e isso de modo mais e mais consciente; e ele até pode fazer isso de forma muito variada, com vistas à garantia de sobrevivência, não mais fixados pela seleção natural.

Como vimos o homem é capaz de resolver os desafios atuais através da ética do discurso, de maneira dialógica. Não podemos nos esquecer de que a responsabilidade histórica se dá através de uma ética pós-convencional, pois, através dela o homem se abre para o todo da humanidade, deixando dada vez mais o irracional de lado, não sentido a falta do instinto para a sua vida racional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APEL, Karl Otto. *Die Situation des Menschen als ethisches problem*. Texto traduzido pelo professor Francisco Javier Herrero (FAJE). Mimeo.

_____. O a priori da comunidade de comunicação e os fundamentos da ética: o problema de uma fundamentação racional na era da ciência. In: _____. *Estudos de Moral Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. A situação do ser humano como problema ético. In: _____. *Estudos de Moral Moderna*. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Kant, Hegel e o problema actual dos fundamentos normativos de moral e direito; In: *Ética e Responsabilidade: o problema da passagem para a moral pós-convencional*. Lisboa: Pensamento e filosofia, 2010.

DAWKINS, R. *Deus: Um Delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HERRERO, F. J. Ética do Discurso. In: OLIVEIRA, M. A. (Org.), *Correntes fundamentais da Ética Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2000.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SARTRE, Jean Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Nova Cultural: Coleção Os Pensadores, 1980.